

ANAIS DO
IV SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

COLONIZAÇÃO E
MIGRAÇÃO

XXXI

Coleção de *Revista de História* sob
a direção do Prof. Eurípedes
Simões de Paula.



São Paulo
1969

A IMIGRAÇÃO E OS BOTOCUDOS (XOKLÉNG) DO TAIÓ (*).

RUY CHRISTOVAM WACHOWICZ

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná.

Introdução.

Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do XX, quando a imigração européia atingiu o máximo de sua expansão nos territórios situados à margem esquerda dos rios Negro e Iguaçu, bem como no vale do Itajaí, chegou ao climax um problema que há mais de um século vinha perturbando a região: o conflito entre os “brancos” e os índios botocudos, um dos ramos da grande família lingüística dos jê.

Na realidade, era êsse um problema que já se prolongava desde a colonização lusa no litoral, quer paranaense ou catarinense, e posteriormente com o tropeirismo, que se desenvolveu sobretudo a partir do século XVIII, com a ligação São Paulo-Rio Grande, pela chamada Estrada da Mata. Porém, nesta ocasião, o choque do elemento dito civilizado com o indígena botocudo, que dominava a região, não atingiu a magnitude alcançada quando do estabelecimento naquelas terras do imigrante europeu.

A fixação do imigrante na região e o avanço da colonização em tôdas as frentes colocaram o gentio botocudo numa situação crítica. Acentuaram-se mais ainda os conflitos armados. Como é evidente, a extinção violenta do indígena botocudo seria inevitável, se alguns homens de responsabilidade e humanidade não realizassem uma obra de civilização e catequese junto ao gentio revoltado, fazendo cessar desta maneira os ataques e as “caçadas” de extermínio que já há longo tempo se processavam.

O estudo dêsse conflito é o objetivo dêste trabalho.

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, no dia 4 de setembro de 1967 (*Nota da Redação*).

O indígena botocudo (Xoklém).

Segundo o mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú (1), existiram no território do Estado do Paraná e de Santa Catarina duas grandes famílias indígenas: a dos tupi-guarani e os jê.

Estes últimos compunham-se de dois grandes grupos: os kaingáng e os botocudos. Os primeiros localizavam-se nas vastas matas que outrora cobriam os sertões ocupados pelas reduções jesuíticas do Guairá; dominavam o centro-oeste do Paraná e o oeste de Santa Catarina.

Os botocudos são considerados entre os mais atrasados índios do Brasil; não conheciam a rêde e a agricultura; não construíam cabanas e nem praticavam a navegação. Segundo Roquete Pinto, faziam parte da grande família dos jê, espalhados pelo centro do Brasil e Espírito Santo. Em sua expansão, chegaram até o Paraná e Santa Catarina, onde os botocudos também se fixaram, chegando a alcançar o território do Rio Grande do Sul. Já Boiteux encontra diferenças nítidas entre os botocudos do sul e os do centro do Brasil ou do Espírito Santo. Nos do sul, apenas os homens usavam o botoque no lábio inferior, elemento êste que lhes dá a denominação, enquanto que nos outros grupos o usam também as mulheres, chegando estas a colocá-lo nas orelhas. Entre tanto, botocudos legítimos ou não, os do sul também são clasificados como se o fôssem, apesar dessas e de outras diferenças.

Esquivavam-se a qualquer contacto com a civilização, mesmo quando procurados com insistência pelo homem branco.

Em 1876, o presidente da Província do Paraná, Adolfo Lamenha Lins, criou o aldeamento de São Tomaz de Papanduva, destinado aos índios botocudos; porém, o mesmo não se desenvolveu e desapareceu, devido às dificuldades encontradas em estabelecer-se o contacto com o gentio.

Dominavam, inicialmente, na região delimitada pelos campos de Curitiba, margem esquerda do Iguaçu e vale do Timbó, onde se confundiam com os kaingáng e guaranis. A leste, faziam incursões nos territórios litorâneos, dominados inclusive pelos carijó e vale do rio Itajaí; para o sul, chegavam até as fronteiras do Rio Grande, tendo em Lajes o grande obstáculo para tanto.

Sua presença hostil em território paranaense é assinalada pelo primeiro presidente da Província do Paraná, Zacarias de Goes e Vasconcelos, que atesta a inexistência de tentativas de catequese e civi-

(1). — *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba, 1956.

lização dos índios, por ocasião da emancipação política do Paraná, em 1853.

“No distrito de Ambrósios, 12 léguas pouco mais ou menos desta cidade (Curitiba), os indígenas ameaçam a segurança da gente civilizada, e não existe nenhum aldeamento regular! Não há ainda funcionários encarregados especialmente da catequese e civilização dos indígenas (...). Tive já ocasião de dizer-vos que os índios selvagens, mais de uma vez, têm ameaçado a segurança dos habitantes dos Ambrósios, distrito de São José dos Pinhais” (2).

Em seu isolamento, os botocudos foram sendo lentamente envolvidos pela expansão da colonização através da imigração, até que seu *habitat* foi progressivamente restringido. Antes de recuarem, os índios foram levados a uma reação das mais violentas.

“Infelizmente êste povo extinguiu-se e não chegou a ser convenientemente conhecido, ficando assim, sem solução, uma das questões mais interessantes da nossa pré-história, por tratar-se do mais antigo tipo” (3).

Estrada da Mata.

A estrada da mata ligava o Rio Grande do Sul com São Paulo, passando pelo território paranaense. O percurso desta via de comunicação passava no centro do território dos botocudos. Por esta razão, o trajeto entre o Rio Negro e Curitiba era o trecho mais perigoso. Constantes eram os assaltos que os botocudos realizavam aos tropeiros, de preferência às tropas de menor vulto, o que restringia o poder defensivo das mesmas. Os botocudos do Taió aproveitavam-se ainda da circunstância de ser êste trecho coberto de matas laterais. Os tropeiros temiam-no e viajavam de sobreaviso, sobretudo entre Papanduva e Curitiba. O caminho da mata neste trecho estava plantado de cruces, que significavam os mortos que ali ficaram, tombados pelas flechas dos botocudos.

Visando povoar êstes sertões bravios e procurando afastar o perigo dos assaltos, em 1816, a pedido do Barão de Antonina, um dos grandes tropeiros que o Paraná possuía, D. João VI ordena que para esta região se desloquem 50 casais de açorianos,

(2). — *Relatório do presidente da Província do Paraná Zacarias de Goes e Vasconcelos*. Curitiba, 1854, pág. 60.

(3). — Romário Martins, *História do Paraná*. Editora Guaira Ltda. 3a. edição, Curitiba, s. d. pág. 43.

“para se formarem colonizações nas matas do sertão” (4).

Seguindo ainda a mesma política em 1829, vão se estabelecer no mesmo local colonos alemães; era o antigo pouso, o Registro Fiscal das tropas, e que veio a denominar-se Rio Negro.

Pelos relatórios dos presidentes da Província do Paraná, constata-se que a imigração açoriana e germânica para Rio Negro, pode ter diminuído o perigo de assalto à povoação do Rio Negro, porém não o eliminou por completo. Assim, ainda em 1871, Agostinho Ermelino de Leão, afirma que:

“Por informação do sub delegado do Rio Negro (...), chegou ao meu conhecimento o aparecimento de índios nas proximidades daquela freguesia. Convindo evitar os assassinatos e depredações que costumam pôr em prática tais selvagens, recomendei em data de 29 de julho ao comandante superior do Príncipe (Lapa), que auxiliasse o referido sub-delegado” (5).

Apesar destas providências, os assaltos dos índios renovavam-se cada vez mais, com grande insistência e perigo.

“No Rio Negro, quarteirão da Estiva — os botocudos assaltaram os sítios de alguns moradores mais próximos das matas, matando suas criações e agredindo algumas pessoas, que ficaram feridas” (6).

Por estas razões é que o presidente da Província do Paraná J. J. Pedrosa, escreveu:

“compreendendo que qualquer auxílio de fôrça seria ineficaz para prevenir futuras incursões, representei ao Governo Imperial sôbre a conveniência de restabelecer-se o aldeamento do Papanduva, a fim de para ali serem atraídos alguns dêsses selvagens, constituindo-se com êles uma guarda defensiva, contra novos assaltos dos que persistirem bravios” (7).

Porém, o Governo Imperial nenhuma providência tomou, e ao contrário, o Ministro da Agricultura, ordenou providências no sentido de dispensar sete assalariados do aldeamento de São Jerônimo e quatro do de São Pedro de Alcântara.

(4). — Antônio Vieira dos Santos, *Memória Histórica da Villa de Morretes e do Pôrto Real*. Publicação do Museu Paranaense. Curitiba, 1950, pág. 76.

(5). — *Relatório do presidente da Província do Paraná, Agostinho Ermelino de Leão*. Curitiba, 1871.

(6). — *Relatório do presidente da Província do Paraná, João José Pedrosa*. Curitiba, 1881, pág. 18.

(7). — *Relatório J. J. Pedrosa, op. cit.*, pág. 18.

“Esta diminuição do pessoal, quando os diretores de tais estabelecimentos pedem com insistência maiores meios de ação, não pode deixar de prejudicar bastante o desenvolvimento dos mesmos” (8).

Com esta política seguida pelo Governo Imperial, em relação ao gentio, de forma alguma o aldeamento de São Tomaz de Papanduva chegaria a ser concretizado, e os índios botocudos continuaram a realizar as suas incursões contra pessoas e propriedades.

“Os índios novamente se inquietaram (...) assaltavam as tropas e trabalhadores em campo aberto. Desta vez o (tropeiro) Lemos resolveu ir à procura de fumo nas Perdizes (...). A maior parte dos muares, Lemos enviou pela estrada mais segura, e para verificar o estado da picada escolheu a mim e ao bugreiro Machado, conhecedor do mato e experimentado matador de bugres, com um faro melhor do que de um cachorro (os bugreiros afirmam que cheiram de longe a aproximação de um índio) (...). Num inesperado momento, pareceu que tôdas as árvores gritavam como se fôsses corujas, gaviões ou macacos. O bugreiro Machado estava na vanguarda da tropa. Pulou da mula e iniciou o tiroteio. Algumas flechadas atingiram o animal e êste caiu no precipício. Eu escondi-me por entre as pedras e cobri-me com um balaio. Para o bugreiro acabaram-se as balas. Tirou o facão e pulou para um buraco ao lado. Um dos bugres apareceu no caminho, porém Lemos, meu patrão, que ainda possuía balas, atingiu-o com boa pontaria, porque êle tombou. Para os nossos faltaram balas e para os índios flechas, porque lançaram-se com tacapes. Um outro pulou sôbre o bugreiro Machado. Preparou-se para abatê-lo a tacape; êste enroscou-se no barranco e Machado desferiu-lhe com o facão um golpe, abrindo-lhe o ventre. O infeliz quis com as mãos segurar os intestinos, porém caiu sôbre êles no chão. Apareceu um terceiro. Antes porém que pudesse movimentar o tacape, o bugreiro enfiou-lhe o facão nas costelas. Os restantes titubearam. Parecia que não queriam continuar a luta, quando o maior dêles urrou vingança e pulou ferozmente. Antes de atingir, o facão também abriu-lhe o ventre. Neste momento os outros, gritando horrivelmente, fugiram (...). O bugreiro Machado estimulou-nos dizendo que êste não foi um assalto, apenas ataque de um grupo de caçadores” (9).

Outra narrativa atesta o alcance e a persistência dos índios em assaltar tropas de muares.

“A tropa era dirigida pelo conhecido bugreiro Martins. Iam conosco 6 homens e mais de uma dezena de muares. Os botocudos

(8). — *Idem*, pág. 81.

(9). — Romão Wachowicz, *Braterstwo Ziemi i Ludzi* (inédito).

desta vêz prepararam um forte ataque. Nos momentos oportunos alojavam-se nos montes dos dois lados do caminho, camuflando-se na vegetação. De repente ouvem-se gritos e urros que lembravam o inferno. Ambos os lados gritavam. Atacaram-nos bem no centro da tropa. Martins não perdeu a cabeça. Estudou-lhes a posição, envolveu-os e atacou por trás. Urrando horripelantemente, descarregou seu winchester. Os índios logo se descontrolaram. Fugiram com grande alarido. Correram por entre os muares e desapareceram no mato. Nós fugimos também (...). Difícil foi o caso com o comerciante Gaspar, benfeitor da região. Estava pálido. Segurava e massageava o ventre com o capote. Uma flechada o atravessara lado a lado (...). Martins envolveu-o em capotes e amarrou-o com cintas. E com gemidos partimos para frente. Pela madrugada, Gaspar morreu (10).

O choque com a "Brazil Railway".

Particularmente rápidos e violentos, foram os encontros entre os índios botocudos e kaingáng com os milhares de operários contratados pela *Brazil Railway*, a qual tinha por objetivo realizar a ligação ferroviária entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, no início do século XX.

"A princípio foram empregados 4 mil trabalhadores, porém, com a marcha dos trabalhos, o seu número atingiu a cêrca de 8 mil" (11).

Esta incomum concentração de mão-de-obra era formada de trabalhadores de todo o Brasil e de imigrantes, sobretudo poloneses, que se ausentavam de suas colônias e de suas chácaras, em busca desesperada de algum dinheiro para poder sustentar a família.

Os terrenos nos quais a estrada de ferro ia penetrando eram habitados por índios kaingáng e botocudos, os quais de tempos em tempos assaltavam os trabalhadores da estrada de ferro, de preferência as vanguardas que derrubavam a mata. Atacavam em defesa de seus territórios que estavam sendo invadidos. No início dos trabalhos, no trecho compreendido entre União da Vitória e Marcelino Ramos,

"em virtude da falta de mão-de-obra, eram trazidos para o serviço inúmeros condenados pela justiça, com a promessa e a condição de que trabalhariam nos serviços da estrada para conseguir

(10). — *Idem.*

(11). — Mauricio Vinhans de Queiroz, *Messianismo e Conflito Social*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966, pág. 71.

sua liberdade (...). Será fácil imaginar o ambiente de medo e insegurança que existia” (12).

Não demorou para que os primeiros choques entre trabalhadores e índios se verificassem. Um imigrante que ali trabalhou conta um desses incidentes ocorrido em novembro de 1908.

“No primeiro domingo de novembro, caiu sobre a população (União da Vitória), a notícia que o trem traria alguns operários mortos pelos índios. Quase toda a população da cidadezinha acorreu à estação ferroviária, à espera da chegada extra do trem (...). Por fim, ouvimos o apito da locomotiva. Num dos vagões a descoberto, forrado de galhos verdes, estavam estirados os corpos dos trabalhadores mortos. Uma senhora, já de certa idade, alemã, lançou-se, gritando convulsivamente, sobre o corpo do filho. Quatro dos mortos eram poloneses, os quais chegaram a procura de sôldo, das colônias afastadas (...). Neste mesmo dia, foram todos enterrados numa vala comum, como é costume aqui, sem nenhuma cerimônia” (13).

Como os ataques ou as ameaças de ataques dos índios botocudos sucediam-se freqüentemente, deliberou a direção da estrada que o enônôtro das turmas de trabalhadores que realizavam a derrubada da mata, e que haviam começado de pontos opostos, se realizasse o mais breve possível. Um grupo vinha do Rio Grande e outro de União da Vitória, porque era êste um trecho muito perigoso, habitado por índios botocudos, sendo preciso que os trabalhadores se encontrassem, pois em caso de necessidade, uns auxiliariam aos outros.

“Recebíamos regularmente os mantimentos de Ponta Grossa e nos dedicávamos à derrubada do mato. Demorou isto muito tempo, tínhamos sossêgo e nossos dias eram alegres, apesar do trabalho pesado. Porém um dia, quando esperávamos nôvo transporte de mantimentos, pensávamos na causa da demora. Esperamos inútilmente. O engenheiro estava inquieto, os homens esperavam o transporte como se fôsse um encanto. Diminuimos a ração diária e andávamos desassossegados. Veio-me o pensamento de que isto poderia ser obra dos bugres, os quais poderiam ter tomado nossos mantimentos (...). Organizamos uma guarda noturna e aguardamos os acontecimentos. Certa ocasião, caiu uma tempestade (...). Eu estava de guarda e por entre os trovões percebi alguns gritos estranhos, como se fôssem assobios. No início não os distinguiu, porém após alguns momentos fiquei aterrado. Reconheci que eram assobios dos bugres. Acordei o engenheiro e os outros. Reconhece-

(12). — Marian Hessel, *Na Pionierskim Szlaku. Pamietniki Emigrantów, nakladem wydawnictwa "Polonia"*. Warszawa, 1965, págs. 97-98.

(13). — *Idem*, pág. 99.

ram os sinais. Esta noite porém não atacaram (...), até que uma vez, enquanto o fogo ardia forte, notei que, do lado do mato, aproximavam-se pessoas; eram os bugres. Acordei apressadamente os companheiros; as carabinas e os winchesters já estavam preparados (...). Aproximaram-se lentamente, querendo apanhar-nos desprevenidos ou até pensando que estivessemos dormindo. Ao sinal combinado, atiramos como se fôssemos um. Sete bugres caíram, porém voltaram em maior número. Outra vez atiramos e muitos caíram. Os outros, aos gritos, fugiram para o mato. Nesta noite nada mais ocorreu (...). Fomos examinar os cadáveres dos bugres; dois ainda viviam e gemiam, porém não pudemos ocupar-nos com eles e para que não sofressem, o engenheiro mandou matá-los (...). Decidimos voltar e abandonar tudo, inclusive os burros. Escolhemos como caminho o mato e confiamos na bússola. Fazíamos o menor ruído possível para evitar imprevistos. Carregamos os winchesters, os revólveres, munição e os restos das provisões e colocamo-nos a caminho, calculando que os bugres, mesmo que viessem haveriam de estar receosos para um nôvo ataque, pois haviam tido uma boa lição (...). Quando caminhávamos, chamou-nos atenção grande número de corvos circulando no ar. Ao chegarmos mais perto, sentimos no ar a atmosfera carregada, com o cheiro de carne deteriorada. Pensamos em circundar o local e continuar a caminhada, mas algum pressentimento nos dizia que deveríamos averiguar (...). Reconhecemos que a carniça era dos membros da expedição de abastecimento que aguardávamos (...). Terrível era a cena (...), era obra dos índios botocudos (...). Ao que parece os bugres deram-se por vencidos e recuaram para o interior da mata" (14).

Os imigrantes.

Até o início do estabelecimento de imigrantes na região dominada pelos botocudos, os choques com as rarefeitas populações locais existiram, porém em número bastante reduzido, se os compararmos com a violência que imperará, quando da chegada e da expansão da imigração europeia, na segunda metade do século XIX e início do XX. Em territórios botocudos surgiram imensas colônias que aos poucos penetraram no interior; em consequência, os botocudos sentiram-se encurralados. Assim, vinha do leste, penetrou a imigração predominantemente alemã. Surgiram Blumenau e Joinville; multiplicaram-se as colônias: Rio do Sul, Timbó, Ibirama, Brusque, São Bento etc. Desde os primeiros instantes da localização dos imigrantes na região, surgiram os conflitos com os índios botocudos. Isto ocorreu no interior, quando ali se estabeleceram os primeiros colonos.

(14). — *Pamiętniki Emigrantów, Ameryka Południowa*. Instytut Gospodarstwa Społecznego. Warszawa, 1939, págs. 94 a 100.

“Os primeiros colonos nestes terrenos tinham vindo de D. Francisca: alguns moços solteiros e um casal (...). Numa certa manhã os ocupantes das casas no rio Velho foram assaltados por um bando de botocudos. Eram inesperados, porém os ocupantes conseguiram ainda em tempo fechar as portas e defender-se com armas de fogo” (15).

Kalendarz Polski. Przyjaciela Rodziny, de 1924, escreve que

“nos últimos 17 anos no município de Blumenau contaram-se 61 assaltos de vulto” (16).

Tôda a região do vale do Itajaí estava sob a ameaça dêstes índios e os que se deslocavam entre estas colônias corriam sérios riscos de serem flechados pelos mesmos. Em virtude dessa insegurança em que permanentemente viviam os colonos.

“veio a criação da Companhia de Pedestres de Itajaí, entregue ao comando de Henrique Etur (...). Estabelecidos em Belchior, parece que se preocuparam mais em tornar-se, êles próprios colonos, donos de casas e plantações, do que permanecer em guarda observando o movimento dos selvícolas, para que os colonos (...) se sentissem seguros nos lotes que lhes destinavam” (17).

Nas últimas décadas do século XIX, o govêrno federal dispôs-se a colonizar as terras ao sul do Rio Negro, à margem esquerda do rio do mesmo nome. Surgiu então a grande colônia predominantemente polonesa de Itaiópolis (Lucena), cujo território penetrava como uma cunha em pleno coração da região dos botocudos. Os primeiros colonos, quando aí chegaram, encontraram a mata fechada e pujante, onde dominavam indiscutivelmente os botocudos. Para a infelicidade dos colonos poloneses, os lotes localizavam-se nos antigos cemitérios dêstes índios. Eram portanto terras consideradas sagradas pelos índios, o que indignou-os sobremaneira, multiplicando-se desde então os ataques contra os colonos. Foi justamente por esta época que as hostilidades entre os brancos e os índios tornaram-se críticas. Os ataques eram mais intensos e de maior vulto. Entretanto, nos primeiros tempos, os índios limitavam-se a assustar os colonos.

As próprias autoridades colonizadoras forneciam geralmente às famílias que para lá se destinavam uma pistola de dois canos, com

(15). — Edmund Sebastian Wós-Saporski, *Pamiętnik*. Nakładem Międzynarodowego Towarzystwa Osadniczego. Warszawa, 1939, pág. 32.

(16). — *Kalendarz Polski. Przyjaciela Rodziny*. Curitiba, 1924, pág. 75.

(17). — J. Ferreira da Silva, *Blumenau em Cadernos*, abril de 1959, tomo II, nº 4, págs. 63-64.

duas balas sobressalentes, para ser usada em caso extremo, como defesa contra os índios. Porém os colonos, já na primeira noite, quando ouviam os índios rondando sua choupana, disparavam as cápsulas para o ar a fim de afugentá-los, ficando desta maneira desarmados (18).

Muitos eram os colonos que no dia seguinte ao da chegada regressavam amedrontados a Rio Negro, onde estavam os barracos. Porém muitas foram as famílias que decidiram permanecer e enfrentar o indígena.

“Enquanto não iniciamos o corte da mata, os bugres não atrapalhavam, mas quando começamos a derrubá-la, passaram a perturbar-nos, assobiando, batendo com paus nas árvores, sem porém se deixarem avistar (...). Dois dias depois assaltaram uma outra casa e liquidaram com toda a família. As duas crianças, mataram e jogaram ao fôgo. Aos pais, cortaram o ventre e retiraram o coração, colocando-o em cima dos corpos. As cobertas de pena e os travesseiros rebentaram a todos e as penas espalharam pela casa inteira. Os mantimentos também despejaram e espalharam pela casa. Pela ocasião já 30 famílias estavam estabelecidas, o que levou quase metade a debandar para Rio Negro. Porém chegavam novas famílias e o govêrno forçou a volta dos colonos, para seus ranchos, por falta absoluta de lugar nos barracos. A metade voltou e os restantes espalharam-se noutras direções. Porém cada vez chegavam mais colonos e penetravam ainda mais no inteior da mata. Não demorou muito e os bugres atacaram novamente duas famílias, de 17 pessoas. Os pais com os filhos que cortavam o mato foram mortos no lugar; as mulheres, que ouviram os gritos e não sabendo do que se tratava, acorreram em socôrro, enquanto os bugres corriam para assaltar a casa. Pelo caminho, liquidaram-nas também, bem como o restante da família. Os colonos não tinham com que defender-se, porque o govêrno não fornecia armas para todos. Alguns compravam pistolas, revólveres e winchesters. Porém continuaram freqüentes as notícias de assaltos e mortes. Pode se dizer que somente nas vizinhanças de Itaiópolis morreram 40 pessoas” (19).

Por outro lado, nas colônias alemãs, José Deeke constatou entre 1852 e 1914, 41 colonos mortos e 22 feridos (20).

Um outro assalto sofrido pelos colonos de Itaiópolis ocorreu pouco depois dêste incidente acima descrito, quando uma turma de 18 homens derrubava o mato, não tendo na ocasião nenhuma arma con-

(18). — *Pamiętnik Emigrantów, Ameryka Poludniowa, op. cit.*, pág. 296.

(19). — *Idem*, pág. 299.

(20). — Francisco S. G. Schaden, *Índios, Caboclos e Colonos*. Coleção da Revista de Antropologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1963, 1, pág. 63-64.

sigo. Estavam somente com seus machados. Foram cercados e liquidados a flechadas. Entretanto, não eram somente os imigrantes poloneses as vítimas dos assaltos dos botocudos. Os índios não distinguíam entre imigrantes e brasileiros. Assaltavam a todos com a mesma fúria e ódio. *Kalendarz Polski* de Pôrto-Alegre, narra um assalto horrendo ocorrido em 1900 apenas a 9 km de Pôrto União. Os bugres assaltaram a propriedade do fazendeiro Salvador Bueno.

“A moradia encontramos completamente fechada, envolta várias vezes por um fio preto, fato este que provocou um medo de feitiçaria aos que o romperam. No pátio encontramos algumas longas taquaras entortadas na ponta em forma de cadeado, com as quais pegaram os cachorros. Os chiqueiros e as estrebarias estavam vazios. Os assaltantes levaram tudo consigo. Acendemos uma fogueira e arrombamos a porta. O primeiro compartimento estava completamente delapidado. No chão, nus estavam os corpos de um rapaz e de uma moça, brutalmente deformados, cortados de maneira repugnante. Na cozinha encontramos a mulher, sentada perto do fogão, com os olhos esbugalhados. Era a esposa do fazendeiro, com a qual brutalmente se comportaram os índios, cortando-lhe os seios, ao que parece ainda com vida. Ao seu lado dois corpos de crianças também completamente deformados. A quinta criança, o caçula, não conseguimos encontrar. O desespero do infeliz pai é difícil de descrever” (21).

Esse assalto, ao que tudo indica, foi praticado por vingança, pois já ocorreram anteriormente atritos entre Salvador Bueno e os botocudos.

Entretanto não só por vingança atacavam os indígenas. Interessava-lhes também o saque. Queriam obter utensílios, os quais muito necessitavam: instrumentos de ferro e tecidos sobretudo.

Francisco S. G. Schaden, salienta que, num assalto, somente mataram uma menina porque saíra correndo em direção à roça no intuito de avisar os pais.

“Uma criança de pouca idade, que se encontrava no berço, não foi por eles molestada; tencionavam apenas apoderar-se das fronhas (Nota: na borda da mata, os selvícolas tiraram as plumas das almofadas levando somente os panos de fôrro e as fronhas), e para isso tiraram a criança, colocando-a no chão” (22).

(21). — *Kalendarz Polski — Nakladem i Wlasnosc F. B. Zdanowskiego*, Pôrto Alegre, 1901, pág. 51.

(22). — Francisco S. G. Schaden, *op. cit.*, pág. 82.

Os bugreiros.

A reação dos “brancos” também se dava sem misericórdia. Por uma dezena de pessoas brancas mortas, pagavam com a vida pelo menos algumas centenas de índios. Havia pessoas especializadas em “caçar” botocudos no mato. Eram os chamados bugreiros. Organizavam e dirigiam as caçadas aos índios. Com armas de fogo e sabendo rastrear e sobreviver no mato, não pior que os próprios bugres, cercavam muitas vezes os acampamentos dos índios e, em silêncio absoluto, esperavam preferencialmente o amanhecer, para abatê-los sem piedade.

Após o entêrro dos familiares de Salvador Bueno em Pôrto União, êste fêz um apêlo no sentido de que se apresentassem voluntários para uma expedição de vingança. Prontificaram-se cêrca de 40 homens. Dirigiu-os o bugreiro Vaciano. Após seis dias de marcha, encontraram em plena mata um braseiro recentemente abandonado, o que significava estarem em boa pista.

“Pelos 8 horas da manhã do dia seguinte, avistaram fumaça no tôpo da montanha. Vaciano dividiu o grupo, que avançou em direção à fumaça. Vaciano subiu numa árvore e viu mulheres que andavam em tôrno do fogo, ocupadas no preparo de um porco, recentemente abatido e na expressão do suco de cana por um sistema primitivo de pedras. Em seguida atacaram de surprêsa; começou o tiroteio e seguiu-se uma carnificina com arma branca. Os bugres, desesperados, caíam de joelhos no chão, juntando as mãos. Não houve misericórdia para ninguém. Morreram 29 bugres, sem contar as mulheres e as crianças. A matança durou alguns minutos, e foi praticada apenas pelo grupo de 6 pessoas, que chegaram primeiro ao local. Três bugres conseguiram fugir. Foram encontrados quase todos os objetos roubados da casa de Salvador Bueno. O re-lógio, completamente rebentado, estava entre os pertences do capitão dos bugres; dos dentes da serra já haviam feito pontas de lança e as peças de roupa estavam costuradas entre si, numa só peça, que servia de coberta para o grupo. O cão apanhado da casa de Salvador e que fôra criado por êle, ao ser pego pelo dono mordeu-o e fugiu atrás dos bugres” (23).

Na localidade de Paciência, os botocudos assaltaram o povoado e a bodega de um tal de João Gordo, quando êste encontrava-se ausente do seu estabelecimento. Foram mortas nesse ataque 23 pessoas, desaparecendo por completo sua família e os que se encontravam no interior da casa. Escrupulosamente, os índios levaram ma-

(23). — *Kalendarz Polski* — F. B. Zdanowskiego, *op. cit.*, pág. 53.

chados, foices e facas, e tomaram tôda a aguardente; outras coisas de valor, deixaram-nas espalhadas pela casa. Esta localidade passou a denominar-se de “Morro da Morte”.

“João Gordo jurou vingança. Juntou mais de uma dezena de homens, preferencialmente viúvos, e armou-os da melhor maneira possível, levando cães. Atacavam sem piedade. João Gordo transformou-se em excelente bugreiro. Conheceu seu método de guerrear, melhor do que conhecera o nome de seus antepassados. Estudou a fôrça e a fraqueza dos índios. Sabia quando era possível afugentá-los de seus esconderijos no mato e quando nada se lhes podia fazer. Exterminou pela raiz alguns grupos de botocudos” (24).

Apareceu então entre os botocudos um nôvo chefe. Suas pegadas mediam 40 cm de comprimento. Os colonos o apelidaram de “Pé Grande”. Certa feita, num de seus ataques perpetrados na colônia Moema, os bugres foram cercados por 30 homens bem armados, graças ao estado de alerta em que os colonos passaram a viver, com as armas sempre carregadas. A luta foi comandada pelo bugreiro Martins.

“Foram ali mortos cêrca de 30. De noite recuamos para que os índios pudessem recolher os corpos dos seus mortos (...). Martins caiu sôbre êste grupo de noite. Estavam dormindo no seu acampamento no monte Taió. Provavelmente estavam embriagados com bebida de sua própria fabricação. Ficaram quase que completamente exterminados. O cacique Pé Grande recebeu alguns tiros no peito. Por curiosidade mediram o gigante. Tinham 2 m e 12 cm de altura” (25).

Após essas contínuas e pro'ongadas matanças, o número dos botocudos diminuiu, em face à superioridade dos armamentos, bem como à austúcia dos bugreiros.

“Muitas mulheres e crianças indígenas perderam a vida em episódios vergonhosos e de repugnante crueldade, que se passaram nos acampamentos da floresta. Evidentemente, não era por êsses meios que se havia de despertar nos aborígenes o desejo de se aproximarem da civilização” (26).

Os índios recuaram ainda mais na mata e fixaram-se preferencialmente na região do Pico Taió, por êles considerados sagrado, bem como no vale do rio da Prata.

(24). — Romão Wachowicz, *op. cit.*

(25). — *Idem.*

(26). — Francisco S. G. Schaden, *op. cit.*, págs. 81-82.

Diversa foi a posição dos vários grupos étnicos em relação aos botocudos. Emilio Willems, citando Robert Gernhard e José Deeke, afirma, referindo-se aos colonos alemães:

“Ao passo que os colonos os consideram uma corja de salteadores selvagens que deveriam ser eliminados, as autoridades brasileiras, aparentemente sob influência de idéias positivistas, procuravam proteger os índios contra as carnificinas dos “caçadores de bugres”. Ao lado dos colonos alemães a existência (dos índios) tornou-se impraticável, animais bravios têm de ser exterminados”.

Já o principal jornal de Blumenau *Der Urwaldsbote*, assim se expressa:

“Os bugres atrapalham a colonização e as comunicações entre planalto e litoral. E’ preciso acabar com essas perturbações de modo total e o mais depressa possível. Pontos de vista sentimentais que consideram injustas e imorais as caçadas movidas aos bugres, são inoportunos” (...).

Um escritor teuto-brasileiro exprime-se da seguinte maneira:

“Chegaram ao ponto de chamar de “queridos patrícios” (refere-se à Liga Patriótica que considera os índios como patrícios e vítimas de estrangeiros intrusos) a estas hordas selvagens que não queriam saber de civilização e às quais a morte de um branco não afetava mais do que a de um animal. Os assassínios que os “queridos patrícios” cometiam, procuravam paliar e justificar, defendendo o ponto de vista de que os selvagens tentavam impedir, pelos seus crimes, apenas a penetração dos brancos nas suas próprias terras e que, além disso, queriam vingar-se das crueldades que os brancos haviam praticado” (27).

O próprio fundador de Blumenau, embora condenasse as “caçadas” contra os índios, dizia:

“melhorou a guarda de pedestres e posteriormente, quando a colônia já estava sob administração do governo imperial, conseguiu a constituição de um grupo de batedores de mato que, sob a direção de Frederico Deeke, com o seu intérprete Jeremias, muito contribuiu, não apenas para manter os índios distantes dos lotes que iam sendo ocupados por colonos, como para orientar a direção da colônia na tarefa expansionista” (28).

Romão Wachowicz, autor polono-brasileiro, apresenta o problema de um outro ponto de vista:

(27). — Emilio Willems, *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. Companhia Editora Nacional, 1946, págs. 124-125.

(28). — Francisco S. G. Schaden, *op. cit.*, pág. 64.

“o índio botocudo, senhor de ermas e pujantes florestas, viu-se assaltado pelos vorazes colonos, os quais a tóda fôrça arrancavam-lhes a soberania. Ambas as partes batiam-se pelo seu pão, pela existência, pagando por isto um elevado preço” (29).

A pacificação dos botocudos.

As autoridades governamentais eram contrárias a essas mantanças, porém, desejando proteger a vida dos imigrantes radicados na região, criaram uma estranha fôrça policial, formada de bugreiros, que tinha por finalidade precípua defender os colonos contra as contínuas incursões dos botocudos. E ainda pretendiam aproximar-se dos índios. Essa guarda revelou-se ineficiente e incapaz de proteger quem quer que fôsse e de aproximar-se dos índios. Apesar dos fracassos dêsses duplos objetivos, um de seus componentes, de pouca idade (pouco mais de 20 anos), não se deu por vencido e decidiu por conta própria “amansar” os botocudos (30).

Chamava-se Eduardo de Lima e Silva Hoerhann. Prontificou-se a enfrentar uma tarefa na qual muitos outros já haviam fracassado; procuraria aproximar-se dos índios mais atrasados, arredios e desconfiados do Brasil.

“Foi deveras árdua esta tarefa. Percorria as matas à procura dos índios. Eles fugiam e escondiam-se. Quando Eduardo recuava, então avançavam. Certa feita, quando se ausentou de sua propriedade, os índios a queimaram e liquidaram tóda a criação. Isto foi em 1914. Nem assim deu-se por vencido. Continuou à procura dos botocudos” (31).

Um dia porém quando transitava pela mata com alguns de seus camaradas, surpreendeu alguns botocudos que se ocultaram por entre a vegetação e ficaram imóveis. Era a grande oportunidade. Eduardo ordenou a um de seus acompanhantes, um índio kaingáng do Paraná, de nome Preié, que lhes dirigisse a palavra na sua própria língua. Os botocudos nada entenderam. Eduardo, vendo que poderia perder a grande oportunidade, pela qual tanto almejava, adiantou-se êle próprio e dirigiu-lhes algumas palavras que havia aprendido e decorado num pequeno manual botocudo, organizado pelo médico Hugo Gensch, de Blumenau. Os índios, admirados de ouvirem sua própria língua, deram alguns passos em sua direção, sempre apontando as flechas e as lanças contra êles. Gritavam que, se desse

(29). — Romão Wachowicz, *op. cit.*,

(30). — *Meteor*. Ano XXI, nº 34, maio-agosto 1929, pág. 56.

(31). — *Kalendarz Polski Przyaciela Rodziny*, 1924, *op. cit.*, págs. 70-71.

um passo para a frente, matá-lo-iam. Eduardo não se assustou. Jogou sua arma ao chão e despiu-se completamente. Tal coragem impressionou aos índios. Os botocudos recuaram e admiraram-se.

“Nos primeiros dias não me restava outra coisa senão deixar os presentes expostos e recuar, satisfeito de que alguma coisa já tinha conseguido. Um dia pude chegar mais perto. Os índios faziam sinais de que desconfiavam da minha roupa. Pensavam que tinha armas. Sob a ameaça de suas flechas me despi até ficar nu. Deixei os presentes em baixo de uma árvore e recuei nu, como estava. Isto repetiu-se diversas vezes, até que um dia encontrei-me com um deles e conversei com o vocabulário que era do meu conhecimento. Eles me levaram pela mata, sempre vigiando rigorosamente (...). O gelo estava quebrado” (32).

Desde então, Eduardo transformou-se no protetor dos índios, com grande ascendência sobre os mesmos. Conseguiu que um bom número deles freqüentasse ou fôsse morar no seu “posto”. Para manutenção dêsse posto, que denominou Duque de Caxias, o govêrno garantiu-lhe uma pequena quantia. Localizava-se o mesmo na confluência do rio da Prata com o Itajaí.

Foi de extraordinário valor para a obra de aproximação de Eduardo com os botocudos, um pequeno opúsculo desta língua organizado pelo médico de Blumenau, Dr. H. Gensch. Numa das “caçadas”, que os colonos alemães realizavam contra os botocudos, trouxeram consigo uma menina dêste povo. Esta ficou com a família do Dr. Gensch, que a iniciou na vida civilizada. A preação das famílias botocudas, após as “caçadas”, era um fato comum (33).

Hugo Gensch aproveitou-se da ocasião para redigir algumas expressões básicas, com o auxílio de sua nova filha. Esta menina chamava-se Koricrá. Foi devido a êste opúsculo que Eduardo conseguiu entrar em contacto com os índios.

“Depois de algum tempo, quando se organizou uma grande festa na colônia Hansa, Eduardo levou consigo muitos de seus botocudos, para mostrar-lhes as maravilhas da civilização e para convencer os colonos de que conseguira acalmar os índios. Veio também para a festa o Dr. Gensch, com sua espôsa e Koricrá. Curiosa é a forma como se comportou sua educanda. Reconheceu seu pai entre o grupo, e conheceram-na também os índios. Estes separaram-se e começaram a deliberar, a volta da moça. Ela começou a chorar, e os índios passaram a acusar os brancos. Conseguiu-se

(32). — Gunther Plüschow, *Dei den Botocuden*. Berliner Illustrirte Zeitung, 1928, n^os 45, 46 e 47.

(33). — Romão Wachowicz, *op. cit.*,

porém acalmá-los e convencê-los de que Koricrá é que deveria resolver o problema. Esta pensou um pouco e preferiu ficar. Os índios retiraram-se indignados e sua revolta caiu tôda sôbre Eduardo, que quase pagou com a vida o passeio. O pai de Koricrá, que era um cacique, não sobreviveu por muito tempo. Morreu de gripe e de saudades da filha. A mãe de Koricrá já não vivia, desde a ocasião em que lhe tiraram a filha” (34). “Após o falecimento do Dr. Gensch em Blumenau, Koricrá, que era filha legítima do cacique Kusúgn, embarcou em 1922 para Berlim, em companhia da viúva do Dr. Gensch. Assim pois, das selvas brasileiras, conseguiu uma botocuda, a jovem Koricrá, atingir os mais civilizados centros europeus” (35).

A catequização.

Por esta época, o padre João Komínek C. M., pároco da paróquia polonesa de Alto Paraguaçu, andava preocupado com a catequese dos índios, chegando a fazer incursões pelas matas da região, juntamente com alguns colonos. Porém esta medida, como as antecedentes, revelavam-se ineficientes. Sabendo da domesticação dos botocudos por Eduardo de Lima e Silva, organizou o padre João Komínek uma expedição ao pôsto dos índios.

“Eram 12 ou 13 pessoas. Da colônia Bom Sucesso partimos em direção ao vale do rio da Prata (...). Conduziram-nos à presença de Eduardo que era chefe ou comandante do local. Comprimentou-nos friamente e retirou-se. Olhamo-nos e percebi que a situação não era boa. Quis que nos separássemos em grupos, porém o padre Komínek não concordou. Temíamos um assalto. Levantamos uma barraca, próxima à casa de Eduardo. Colocamos as armas ao lado e fizemos uma fogueira para nos aquecermos. Ninguém dormiu, por estarmos impressionados e alertas; os pernilongos atacavam em massa. O pensamento de que os botocudos estavam próximos, espantava também o sono. A noite se passou sem novidades. De manhã acendemos o fogo para o chimarrão e o café. Porém Eduardo convidou alguns dos nossos para a cozinha. Quando entramos, algumas botocudas fugiram, ficando sômente a cozinheira brasileira” (36).

O padre João Komínek, referindo-se posteriormente à pessoa de Eduardo, o famoso pacificador dos botocudos, assim se expressou:

“Com êle era preciso ter cuidado e saber aproveitar seus favores, porque era impulsivo e precipitado. Quando, de certa feita, lhe

(34). — *Kalendarz Polski. Przyjaciela Rodziny*, 1924, *op. cit.*, pág. 74.

(35). — *Walendarz Polski. Przyjaciela Rodziny*, 1925, Curitiba, pág. 35.

(36). — *Kalendarz Polski. Przyjaciela Rodziny*, 1924, *op. cit.*

trouxeram um indivíduo que veio espionar seu serviço, conseguiu Eduardo, de tal forma influenciar os botocudos, que resolveram maltratá-lo amarrado a um palanque, sem o matarem, lançando-o depois ao rio que corria em direção à colônia alemã” (37).

Eduardo esclareceu ao padre que não podia fazer qualquer proselitismo religioso entre os índios, porque o parágrafo 6º do seu regulamento, feito pelo govêrno, proibia-lhe

“terminantemente de converter os índios para esta ou aquela religião, não podendo impedi-los de escolherem livremente esta ou aquela fé. Pessoalmente, tenho que ser neutro. Porém a estas prescrições não está subordinado o meu auxiliar direto, Preié, do grupo Coroado (kaingáng), o qual veio do Paraná comigo para estas matas, e desde o início da minha dedicação para com os índios, reparte comigo as vitórias e as desgraças. Ele já é cristão e casado na Igreja Católica, desde o Paraná, e duas de suas filhas lá também já foram batizadas” (38).

Preié já vinha realizando o trabalho de catequese junto aos botocudos, ensinando-lhes os princípios elementares da fé católica. Estava muito satisfeito com a vinda do padre e prometia dedicar-se mais ainda no ensino aos botocudos. Na sua conversação com o padre Komínek, afirmou Preié:

“Sou a primeira pessoa depois do cacique (Eduardo) aqui no pôsto. Tenho grande poder e influência, mas não tenho ainda um relógio, o qual ser-me-ia muito útil; e os botocudos haveriam de ouvir-me e respeitar-me ainda mais, pois eu teria um relógio, como o Eduardo”. Percebi o que insinuava e lhe garanti que lhe mandaria um relógio. “Ser-me-ia muito útil também um facão”. Certo! Ganhará um facão, mas cuide dos botocudos” (39).

A segunda expedição organizada pelo padre Komínek para o pôsto Duque de Caxias, reservou-lhe uma surpresa: o batismo de 98 índios. Assim o padre Komínek descreveu o ocorrido:

“Dirigi-me logo ao “cacique” Eduardo para cumprimentá-lo. Recebeu-me de coração e logo de início desculpou-se pela sua falta de hospitalidade por ocasião de minha primeira visita ao pôsto (...). Convidou-nos para tomarmos nossas refeições com ele, durante nossa estadia ali. Apesar de termos trazido conosco muitas provisões, não era possível recusar o convite (...). Por ocasião

(37). — *Idem.*

(38). — *Roczniki Obydwóch Zgromadzen Sw. Wincentego a Paulo*. Wydawnictwo i naklad kziezy misjonarzy rok XXI, Kraków, 1924, nº 1, págs. 72-73.

(39). — *Idem*, pág. 73.

do desejo, perguntou-me se seria possível que eu batizasse algumas famílias dos botocudos, as quais haviam solicitado o santo batismo (...). Após a refeição, conduziu-me a uma outra habitação onde com grande admiração encontrei um altar preparado. Como depois cheguei a saber, viera da localidade de Ascurra, um italiano que era sacristão, para a colocação do altar (...) pelas 9 horas, Eduardo mandou chamar todos os trabalhadores do pôsto, e disse-lhes que, naquele dia e no seguinte, seria proibido trabalhar, em memória do fato de alguns botocudos receberem o santo batismo. Seria no pôsto dia santificado (...). Pouco após, no caminho que conduzia ao mato, apareceram os índios. Marchavam em fila. Na frente vinha um velho grisalho o qual contava 126 anos. Andava com passos firmes e na mão direita segurava um arco; o braço esquerdo não possuía (...). Apesar dos argumentos e das persuasões do Eduardo, o velho não aceitava, em hipótese alguma, vestir-se, nem quando vinha ao pôsto. Em seu meio, os botocudos, tanto homens como mulheres andam nus, mas vestiam-se quando iam ao pôsto. A maioria concordava com esta determinação (...); atrás do velho vinham os homens guerreiros, regularmente vestidos, cada um com suas armas: arcos, flechas, lanças e tacapes. Atrás vinham as mulheres, carregando nas costas os utensílios. Na cabeça era colocado um arco largo, ao qual amarrava-se uma grande cesta, feita de bambu ou de saco. Neste recipiente, a mulher carregava tudo o que possuía, inclusive uma, duas ou três crianças, as quais, para não caírem, seguravam-se aos cabelos da mãe. Apesar de sobrecarregadas com este peso, não demonstravam qualquer cansaço. Ao lado dos adultos, estavam as crianças nuas (...). Alguns homens, com o cacique à frente, aproximaram-se de mim e cercaram-me em círculo. Depois de muito confabularem, abriram-me a batina no peito e olharam-no uma e outra vez; examinaram-me os olhos e moviam a cabeça. Finalmente bateram-me nas costas e notificaram-me de que eu era "kakén", isto é, irmão e amigo. Em seguida examinaram as minhas vestes: batina, cinto, tudo lhe interessava e os admirava. Reviraram os bolsos. Examinaram-me tôdas as frentes e lados. Por semelhante revisão passaram todos os meus acompanhantes (...). Pelas 15 horas, mandou Eduardo reunir todos os bugres e os presentes na sala onde estava o altar. Acenderam as velas e foram colocados em círculo aqueles que iriam se batizar: de um lado, os homens e rapazes e de outro as mulheres e as meninas (...). Pensei que fariam barulho e confusão, mas apesar de a cerimônia do batismo haver se prolongado por cerca de duas horas, o silêncio e a compenetração aparecia em tôdas as faces. Até as crianças comportavam-se como as mais quietas e obedientes. Pessoalmente estava emocionado quando comecei a cerimônia, e profunda emoção e alegria apoderou-se dos presentes. Foi o mais belo dia da minha vida sacerdotal. A maioria dos neófitos receberam o santo batismo nos seus nomes anteriores: Pópô, Vaicüri, Cavacã, Crendô, Ndiri, Van hecú, Jácfá, Coricran, Coingan-cô, Cuvêinh,

Cássü, Culúng, Tungdü, Laiongdá, Scgátágn, Mongconan, Cungconam, Cuhnánipau, Caniáhêe, Cusúgn etc. (...). Após o batismo, Eduardo aproximou-se de mim e com visível emoção comprimontou-me (...); disse que êstes eram os primeiros, mas não os últimos. Sômente a sexta parte dos botocudos foram hoje batisados, seu exemplo atrairá o restante dos índios. Foi um grande passo para a frente" (40).

Na despedida, após mais de dez dias de estadia no pôsto, os índios pediram ao padre permissão para ir visitá-lo onde morava seu "papai", nome com que apelidaram o padre Komínek. Êste convidou-os como seus hospedes na própria paróquia de Alto Paraguaçu, e esclareceu que não tivessem mêdo e não temessem os colonos, porque êles não eram kokolé" (inimigos) e sim "kakén" (amigos), e prometeu-lhes comida e presentes. Pode-se imaginar o trabalho que os índios iriam proporcionar ao padre, após tão agradáveis oferecimentos. Conhecendo o caráter de Eduardo e não querendo passar por cima de sua autoridade, o padre solicitou lhe permissão para a ida dos índios à colônia de Alto Paraguaçu, explicando-lhe que tal aproximação com os colonos, até agora seus mortais inimigos, poderia influir positivamente em ambas as partes.

Eduardo acedeu ao pedido, mas não deu muita certeza, porque tinha receio de levar suas "ovelhas", ainda muito inexperientes, para o contacto com os colonos.

"Já estávamos de volta, longe do pôsto, e os botocudos ainda estavam parados no mesmo lugar em que nos despedíramos e com as mãos acenavam em sinal de despedida" (41).

Visitas dos índios a Alto Paraguaçu.

Transcorridas algumas semanas após o batismo coletivo de 98 botocudos e quando o padre Komínek estava celebrando missa na colônia Moema, chegou à sua procura uma delegação de botocudos. Caminharam durante todo o dia e tôda a noite de sábado para poderem encontrar no dia seguinte de manhã o padre em Moema. Bem cedinho surgiram na colônia. Muito se alegraram quando viram o seu "papai". Após saciarem a fome foram introduzidos na capela. Agrupados, sentaram-se no chão e, com a maior interêsse, permaneceram até o fim da cerimônia. Pela primeira vez os botocudos entravam numa igreja. Tudo para êles era novidade. Após o almôço,

(40). — *Idem*, págs. 70-1-2.

(41). — *Kalendarz Polski. Przyziaciela Rodziny*, 1925, op. cit., págs. 40-41.

levou-os o padre consigo para Alto Paraguaçu. Os índios, transportados de carroça, apesar dos fortes solavancos, divertiram-se e riram o tempo todo.

Os colonos, já avisados de que os índios poderiam visitá-los, estavam prevenidos e, como a notícia de sua chegada espalhou-se rapidamente, acorriam à margem da estrada para poder vê-los e conhecê-los, êstes botocudos que até há pouco tempo haviam sido o pavor da colônia e que liquidaram muitas de suas famílias.

Os índios revelaram um apetite incomum e permaneceram com o padre por vários dias; e na despedida, prometeram voltar brevemente. Partiram satisfeitos com os presentes que receberam. Transcorreram apenas mais algumas semanas e apareceram novamente; era um outro grupo de índios em número de 10, invejosos dos belos presentes que os outros ganharam. Apesar de afirmarem de que no dia seguinte teriam de regressar, permaneceram também vários dias. Impressionou ao padre e aos colonos o seu comportamento entre os brancos. Foram de uma ordem a tôda prova.

Todos os índios que foram visitar o pároco eram seus batizados. O batismo foi levado muito a sério pelos índios. Consideraram-o como elemento indispensável na sua aproximação com os brancos. Foi para êles uma espécie de cerimônia de iniciação, decisiva para que pudessem integrar-se da comunidade dos barcos. Realmente, não eram a roupa ou as práticas agrárias que aprendiam no Pôsto de Eduardo, que os credenciavam, segundo seu entender, a partilhar o modo de vida dos brancos e da civilização, e sim o batismo.

A aceitação do batismo cristão era o fator que levava os neófitos ao rompimento com a vida do passado e inclusive com seus costumes. O botoque, que era o sinal de iniciação para o rapaz na vida adulta da tribo, foi abandonado espontâneamente pelos índios após o batismo. Afirma o padre Komínek:

“Admirei-me de que nenhum dêles usava mais o botoque, seu sinal de iniciados. Quando lhes perguntei por que não o usavam mais, apesar da existência do orifício no seu lábio inferior, responderam que agora êles já eram batizados e que não mais o usavam, no pôsto, na colônia e nem na mata” (42).

Durante os dias que passaram em Alto Paraguaçu, foi lhes mostrado tudo o que poderia interessá-los. Visitaram até a escola das irmãs de Caridade.

(42). — Ignacy Posadzy, *Droga Pielgrzymów*. Nakładem Seminarjum Zagranicznego, Poznan, 1939, pág. 193.

“Estiveram também na tôrre da igreja; apesar de ser muito alta, ainda se colocavam nos dedos para poder enxergar seu pôsto. — Sim, sim. Nossa era esta terra. Por aqui caçávamos, e hoje o que é nosso está tão longe, dizia um dêles, mostrando com as mãos do alto da tôrre; e as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto” (43).

Ocorreu que na época em que os índios estavam na colônia, encontrava-se em visita também o governador do Estado de Santa Catarina, Adolfo Konder; os índios lhe foram apresentados, com o que alegrou-se muito e mandou fotografar-se com êles. Na despedida, pediram para que se lhes desse cachaça. O padre esclareceu-lhes que não poderia dá-la, porque não a tinha; e explicou-lhes que tomá-la, fazia grande mal à saúde, mas deu-lhes algumas garrafas de gazona. Desta bebida também gostaram muito, mas disseram que a cachaça também era boa.

Cachaça e gripe, eram os dois flagelos legados pelos brancos aos botocudos. Com relação à primeira, apesar de ser proibida aos índios, já sabiam fazer a “sua” própria, fermentando milho verde, mel silvestre e algumas ervas aromáticas. Esta panacéia, uma vez fermentada, tornava-se muito forte; os índios, após bebê-la, ficavam estirados no chão em profundo sono. Só recobravam seu estado normal no dia seguinte.

A pacificação dos índios provocou dentro de sua própria organização diversas posições de comportamento e pensamento face às novas exigências. Os botocudos mais idosos seriam reacionários às inovações a êles exigidas pela nova situação. A geração mais antiga rejeitava por todos os modos o uso do vestuário, por exemplo, enquanto que os mais jovens submetiam-se sem maiores restrições a esta exigência. A alegação dos maiores era de que a roupa lhes tolhia a liberdade de movimentos na floresta.

A pressão a que a juventude era submetida por parte dos velhos era por vêzes muito forte. Os idosos acusavam os jovens de degenerescência e de que estavam se pervertendo ao abandonarem seus hábitos e costumes.

Esta atitude conservadora, por parte da geração idosa, levou-a a rejeitar por completo o batismo. Não abandonariam o seu botoque de forma alguma.

“De fato, os jovens botocudos, tanto os rapazes como as moças, os quais passaram a habitar o pôsto, não só vestiram-se, mas também passaram a enfeitar-se. Os rapazes querem usar sapatos amarelos, uma flôr na lapela, gola e até gravata (...). As mulheres

(43). — *Idem*, págs. 193-194.

e moças gostam de bijouteria, pentes, anéis, grampos, espelhos etc. Quando os jovens vestem-se desta forma, ninguém é capaz de dizer que são os mesmos habitantes das florestas. Sòmente sua pigmentação característica poderia trair sua origem” (44).

Em 1926, o govêrno catarinense criou-lhes uma reserva, de 15 mil hectares de mata virgem, onde poderiam passar a viver sossegadamente o resto de suas vidas, sem ameaças de serem desalojados pela expansão das colônias vizinhas, bem como garantir sua lenta incorporação na vida sedentária e civilizada, reforçando desta forma sua sobrevivência.

Conclusão.

Os índios botocudos do Taió, em seus recuos constantes, dado o avanço da civilização, encontraram nas florestas da Escarpa Geral, em Santa Catarina, seu derradeiro abrigo. A defesa e a disputa de seu território em face do avanço da imigração, sobretudo polonesa e alemã, originaram um processo histórico característico, porém não original, dentro da história pátria. Semelhante processo de evolução ecológica, radical e de extermínio violento do gentio, verificou-se em quase tôdas as regiões brasileiras, a partir do século XVI.

Na repetição desta equação histórica, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do XX, no caso dos botocudos do Taió, houve pouca variação. No lugar do pioneiro português, está o imigrante alemão ou polonês; no do jesuita, a eficiência e a dedicação de um Eduardo de Lima e Silva Hoerhann e do padre João Kominék C. M. . O primeiro já produto da miscigenação germano-portuguêsa, tal qual o bandeirante luso-ameríndio, e o segundo dedicado apóstolo do catolicismo, sempre pronto a levar a fé católica aos pagãos da América.

O conflito entre a imigração européia e os índios botocudos do Taió comprova a afirmativa de Emílio Willems de que:

“a história do Brasil, é um único processo de aculturação. Esta começou com a chegada dos primeiros povoadores portugueses, tornou-se mais variada com a introdução de escravos africanos e atingiu considerável grau de complexidade no século XIX, quando novas correntes imigratórias começaram a canalizar-se para o Brasil” (45).

(44). — Roczniki, *op. cit.*, pág. 71.

(45). — Emílio Willems, *Problemas de Aculturação no Brasil Meridional*. “Acta Americana”, vol. III, nº 3, julio-setiembre, 1945, pág. 145; in “Raças e Classes Sociais no Brasil” de Octávio Ianni, pág. 119.

O gentio botocudo, ao adquirir o hábito sedentário, aos poucos desfez sua estrutura tribal. O índio veio perder sua alegria. Deixou de ser portador de um riso fácil e espontâneo, sendo obrigado a adquirir uma personalidade artificial, adequada à sociedade do homem “branco”. Com a chamada “pacificação” ou “incorporação à civilização”, o botocudo, em face da grande diferença cultural que o separava dos imigrantes ou seus descendentes, veio engrossar o número da população chamada “cabocla” e o proletariado rural da região.

Porém de qualquer forma, o esforço de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann e a dedicação do padre João Komínek C. M., preservaram os remanescentes dos botocudos do Taió, bem como impediram sua completa extinção pela violência.

*
* *
*

Bibliografia.

1. — *Blumenau em Cadernos*, abril de 1959, Tomo II, nº 4.
2. — *Blumenau em Cadernos*, julho de 1959, Tomo II, nº 7.
3. — *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Vol. VI, janeiro-junho, 1956, fasc. 3-4.
4. — Emilio Willems, *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. Companhia Editora Nacional, 1946.
5. — Francisco S. G. Schaden, *Índios, Caboclos e Colonos*. Coleção da “Revista de Antropologia”, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1, 1963.
6. — *Mapa do Estado do Paraná — 1896*.
7. — Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo e Conflito Social*. Editora Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro, 1966.
8. — Antônio Vieira dos Santos, *Memória Histórica da Vila de Morretes e do Pôrto Real*. Tomo I, Edição do Museu Paranaense, 1950.
9. — Octavio Ianni, *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Editora Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro, 1966.
10. — *Relatório do Dr. João José Pedrosa, presidente da Província do Paraná*. Curitiba, 1881.
11. — *Relatório do Dr. Agostinho Ermelino de Leão, presidente da Província do Paraná*. Curitiba, 1871.
12. — *Relatório de Adolpho Lamenha Lins, presidente da Província do Paraná*. Curitiba, 1877.
13. — Romário Martins, *História do Paraná*. 3a. edição, Editora Guaira, Curitiba, s. d.
14. — Adolf Dygasinski, *Listy Z Brayłji. Książka i Wiedza*, Warszawa, 1953, 409 págs.
15. — A. Gruszecki, *W Kraju Palm i Slonca*. Nakładem J. Czernecki, Kraków, s. d., 166 págs.

16. — *Berliner Illustrirte Zeitung*. Nos. 45-46 e 47, 1929.
17. — Edmund Sebastian Wos-Saporski, *Pamiętnik* Nakładem Międzynarodowego Towarzystwa Osadniczego, Warszawa, 1939, 132 págs.
18. — Ignacy Posadzy, *Droga Pielgrzymów*. Nakładem Seminarjum Zagraniczygo, Poznań, 1933, 344 págs.
19. — *Kalendarz Polski, Przyjaciela Rodziny na rok 1924*. Nakładem Polskich Ksieży Misjonarzy. Curitiba.
20. — *Kalendarz Polski Przyjaciela Rodziny na rok 1926*. Nakładem Polskich Misjonarzy. Curitiba.
21. — *Kalendarz "Ludu" na rok 1953*. Curitiba-Paraná.
22. — Kazimierz Gluchowski, *Wśród Pionierów Polskich na Antypodach*. Nakładem Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji, Warszawa, 1927, 352 págs.
23. — *Meteor* — rok XXI, No. 3-4, maj-sierpień, 1929.
24. — *Pamiętniki Emigrantów — Ameryka Południowa*, Instytut Gospodarstwa Społecznego, Warszawa, 1939, 488 págs.
25. — *Pamiętniki Emigrantów — Wydawnictwo "Polonia"*. Warszawa, 1965.
26. — *Polska Zachodnia*. No. 163, Katowice, 16 czerwca 1929.
27. — Romão Wachowicz, *Braterstwo Ziemi i Ludzi* (inédito).
28. — *Roczniki — Obydwóch Zgromadzeń Św. Wincentego a Paulo*, rok XXVI, Kraków, 1924.
29. — Stanisław Klobukowski, *Wspomnienia z Podróży*. Nakładem Gazyty Handlowo Geograficznej, Lwów, 1898, 192 págs.
30. — *Wspomnienia z Wyprawy Ks. Kominka do Botodudów*, manuscrito sem autor, inédito.
31. — Lucas Alexandre Boiteux, *Notas para a História Catharinense*. Typ. Avapora Livraria Moderna, Florianópolis, 1912.

*
* *
*

INTERVENÇÕES.

Da Profa. *Maria Yedda Linhares* (FFCL. da Universidade Federal do Rio de Janeiro. GB.).

Diz ter ouvido com o maior interesse a exposição do colega, lamentando apenas não ter tido a oportunidade de ler antecipadamente o seu trabalho, uma vez que o mesmo não foi distribuído aos participantes do Simpósio e ter sido apenas apresentado hoje. Louva o tema e o tratamento dado. Trata-se de um assunto que vem sendo, injustamente, desprezado pelos historiadores, mas que tem merecido de nossos antropólogos uma atenção particular, como por exemplo, de Roberto Cardoso de Oliveira, Diretor do Departamento de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Afirma que o Autor aborda um aspecto palpitante da realidade brasileira, relatando-nos, do ponto-de-vista histórico, graças à documentação ainda inexplora-

da, um dos capítulos da longa e cruenta história da entrada do índio, no caso os *xoklêng* no “mundo dos brancos”, usando a expressão de Roberto Cardoso de Oliveira. E’ um passado bem próximo de nós e que, sob outras formas, continua a repetir-se em vários pontos do Brasil. Diz não ter críticas a fazer, a não ser elogiar o critério do Autor, esperando que os historiadores brasileiros intensifiquem suas pesquisas num setor que até agora vem sendo quase que exclusivamente um campo reservado à Antropologia. O trabalho do Autor é uma prova de que os historiadores e antropólogos podem e devem trabalhar juntos.

*

Do Prof. *Brasil Pinheiro Machado* (FFCL. da Universidade Federal do Paraná. PR.).

Diz que nesse trabalho o Autor utilizou fontes inéditas polonesas. Outro aspecto importante do trabalho apresentado é que êle evidencia muito bem a repetição de situações idênticas àquelas dos primeiros contactos de europeus com as populações nativas americanas em pleno século XX.

Isto faz com que a história dos brasileiros seja especialmente feliz porque pode-se revivê-la em nossos dias.

*

Do Prof. *Walter F. Piazza* (FFCL. da Universidade Federal de Santa Catarina. SC.).

Diz que a exposição do Autor é louvável pois aborda o contacto inter-étnico do colonizador ou povoador e o indígena, usando especialmente fontes bibliográficas em língua polonesa, mas lamentavelmente se esquecendo de bibliografia mais recente. Esse contacto inter-étnico, quase sempre agressivo, aparece em tôda a literatura sobre o povoamento e a colonização do Estado de Santa Catarina. Há, entretanto, dois aspectos a ressaltar:

- a). — porque o título tão restrito — botocudos do Taió — quando todos os dados apresentados são relacionados com uma vasta área do Estado de Santa Catarina — o vale do Itaquí?
- b). — porque não fêz o Autor uma interpretação com base nos dados elaborados, sobre a reação do indígena à ocupação do território?



RESPOSTAS DO PROF. RUY CHRISTOVAM WACHOWICZ.

Inicialmente agradece as intervenções da Profa. Maria Yedda Leite Linhares e do Prof. Brasil Pinheiro Machado e, em seguida, passa a responder a inquirição do Prof. Walter Piazza.

Diz que o termo botocado foi dado a êste grupo indígena pelos colonizadores lusos. Proveio do batoque que os indígenas usavam no seu lábio inferior e ainda hoje é o termo comumente usado. Quanto à denominação *xoklêng* é o utilizado pelos etnógrafos. Para maior compreensão ambas as formas foram utilizadas no trabalho. O título botocudos do Taió foi baseada na sua utilização preferencialmente em autores paranaense como Romério Martins, o qual em suas obras fala freqüentemente no “homem do Taió”, no “botocado do Taió”.

Diz também que não utilizou o regulamento do Posto indígena Duque de Caxias da paróquia polonesa de alto Paraguaçu, porque teria que se deslocar para o referido posto ou ir até Florianópolis, o que lhe foi impossível em face da exigüidade do tempo para a apresentação do trabalho ao Simpósio.

Afirma que o remanescente dos *xoklêng* podem ser evangelizados de diversas maneiras e explica o caso pelo desmembramento do território paroquial. Inicialmente o território que pertence ao Posto Duque de Caxias era da paróquia polonesa de Alto Paraguaçu, posteriormente o mesmo território foi desmembrado, deixando o Posto Duque de Caxias de pertencer a essa paróquia de Alto Paraguaçu donde partiu a iniciativa de sua evangelização. Os novos responsáveis pela continuidade da evangelização dos *xoklêng* não se empenharam nêsse sentido, deixando logicamente o campo aberto a outras denominações cristãs.